

## **O CRONOTOPO DA CARTA DO LEITOR<sup>1</sup>: DETERMINAÇÕES DA DIMENSÃO EXTRAVERBAL NA MATERIALIDADE LINGUÍSTICA**

**Rosangela Oro Brocardo**

Doutoranda em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná,  
Brasil

**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**

Doutora em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná,  
Brasil.

**RESUMO:** O presente texto objetiva apresentar uma compreensão responsiva acerca do cronotopo da carta do leitor, da esfera social do jornalismo. A fundamentação teórico-metodológica sustenta-se nos escritos do Círculo de Bakhtin e nas pesquisas de seus interlocutores contemporâneos (ACOSTA-PEREIRA, 2008, 2012; BRAIT, 2006, 2012; FARACO, 2009; RODRIGUES, 2001, 2005), no campo que, dadas suas particularidades, convencionamos denominar como teoria dialógica. Considerando a ordem metodológica (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929]), investigamos as relações dialógicas que estes enunciados estabelecem com o seu cronotopo, ponto de partida, conforme Bakhtin (2003), para a análise de qualquer texto sócio-historicamente situado. Sobre os dados da pesquisa, delimitamos como objeto trinta e oito cartas do leitor publicadas em diferentes suportes da revista *Veja*, referentes a dois artigos de Lya Luft publicados no mês de abril de 2013. Acerca do cronotopo, aspecto norteador de sua dimensão social, consideramos relevantes as especificidades da esfera social do jornalismo, especialmente as particularidades de um de seus segmentos, o jornalismo de revista. Após a análise, observamos que a constituição e o funcionamento deste gênero são orientados por questões relativas ao espaço e tempo em que se situa, sendo estes aspectos constitutivos de sua dimensão social. Com essa pesquisa, buscamos nos inserir no panorama da Linguística Aplicada, visando contribuir para a resolução de problemas socialmente relevantes, uma vez que o estudo de aspectos relativos à dimensão social desses enunciados pode trazer contribuições para o campo da análise de gêneros sob a ótica bakhtiniana e para a área de ensino de Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cronotopo. Jornalismo de revista; Gênero do discurso; Carta do leitor.

**ABSTRACT:** The present text aims to present a responsive understanding about the chronotope of the reader's letter, the social sphere of journalism. The theoretical-methodological foundation is based on the writings of the Bakhtin Circle and on the researches of its contemporary interlocutors (ACOSTA-PEREIRA, 2008, 2012; BRAIT, 2006, 2012; FARACO, 2009; RODRIGUES, 2001, 2005), in the field that, given their particularities, we elect to denominate as dialogical theory. Considering the methodological order (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012 [1929]), we investigate the dialogical relations that these statements establish with their chronotope, starting point, according to Bakhtin (2003), for the analysis of any socio-historically situated text. About the research data, we

---

<sup>1</sup> Este texto é parte do resultado da pesquisa que resultou na dissertação de mestrado “O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias: uma análise de aspectos linguístico-discursivos”, orientada pela Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes e defendida em 2015.

delimit as object thirty-eight readers' letters published in different supports of *Veja* magazine, referring to two articles by Lya Luft published in the month of April 2013. Concerning the chronotope, guiding aspect of its social dimension, we consider relevant the specificities of the social sphere of journalism, especially the particularities of one of its segments, magazine journalism. After the analysis, we observe that the constitution and functioning of this genre are guided by questions related to the space and time in which it is located, these being constitutive aspects of its social dimension. With this research, we seek to insert ourselves in the panorama of Applied Linguistics, aiming to contribute to the resolution of socially relevant problems, since the study of aspects related to the social dimension of these statements can bring contributions to the field of genre analysis under the Bakhtinian point of view and for the area of Portuguese language teaching.

**KEYWORDS:** Chronotope. Magazine journalism. Discourse genre; Reader's letter.

## **INTRODUÇÃO**

No panorama da Linguística Aplicada diversas são as perspectivas teóricas que buscam analisar a constituição e o funcionamento dos gêneros. Destacamos, para este estudo, o escopo teórico-metodológico de Bakhtin e o Círculo (1926; 2003[1979]; 2010a[1929]; 2010b[1975]; 2012[1929]), o qual prevê a natureza social da linguagem e seu caráter dialógico, objetivando investigar o cronotopo da carta do leitor e suas determinações. Essa perspectiva de análise da linguagem considera que os elementos extralinguísticos são constitutivos dos enunciados. Conforme Brait (2006), para além da necessária análise de sua materialidade linguística, o viés bakhtiniano propõe que se investiguem as relações dialógicas que atravessam e constituem os enunciados.

Assumindo esse desafio de investigação, organizamos o presente trabalho, que parte dessa introdução e segue para uma primeira seção, na qual indicamos os aspectos teóricos norteadores, tendo em vista os escritos do Círculo de Bakhtin. Na segunda seção, situamos os dados e apresentamos a análise de alguns aspectos da dimensão social do gênero carta do leitor, em especial, de seu cronotopo. Após, seguem as ponderações finais.

## **O CRONOTOPO E A SITUAÇÃO EXTRAVERBAL CONSTITUTIVA DOS ENUNCIADOS**

Segundo Bakhtin, os tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros do discurso, em todas as suas dimensões (conteúdo temático, estilo e construção composicional), se organizam tendo em vista alguma esfera específica da comunicação humana e por ela se

orientam. Nesse sentido, a investigação do espaço e do tempo, isto é, do cronotopo em que os gêneros cumprem sua função social, contribui para a compreensão da constituição e funcionamento desses enunciados.

Assim como acontece com outros conceitos bakhtinianos, o conceito de cronotopo vai sendo delineado ao longo da publicação de obras diversas do Círculo de Bakhtin, porém, é focalizado, especialmente, em duas obras: *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003[1979]), capítulo três, denominado *O tempo e o espaço das obras de Goethe*; e em *Questões de Literatura e Estética* (BAKHTIN, 2010b[1975]), no capítulo referente ao ensaio elaborado em 1937-1938, *Formas de tempo e de cronotopo no romance*.

Embora os textos de Bakhtin busquem delinear o conceito de cronotopo normalmente vinculado a questões da esfera literária, notamos que este conceito se estende a todas as esferas da comunicação humana, uma vez que se refere ao dialogismo estabelecido entre o espaço, o tempo e suas relações com o gênero discursivo. Nesse sentido, o contexto social (localizado temporal e espacialmente) em que se insere o gênero exerce, de certa forma, uma coerção no que se refere à elaboração do enunciado, influenciando-o em sua constituição geral.

Sob a perspectiva dialógica, a compreensão dos enunciados não é obtida apenas pela análise de sua dimensão verbal, mas também a partir de sua dimensão extraverbal. Bakhtin, ao definir cronotopo como uma “interligação fundamental das relações temporais e espaciais” e entendê-lo como “uma categoria conteudístico-formal da literatura”, chama atenção à necessidade de se investigar para além da dimensão verbal, em busca do sentido global do enunciado (BAKHTIN, 2010b[1975]), p.211). No cronotopo, conforme o autor, “ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto” (BAKHTIN, 2010b[1975], p.211).

Embora o cronotopo focalize tanto as relações dialógicas estabelecidas entre o tempo e o espaço, para o autor, a questão do tempo se torna o “princípio condutor do cronotopo” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 213). Essa perspectiva demonstra a correlação indissolúvel entre tempo e espaço, uma vez que, embora o espaço seja fixo, é nele que o tempo se movimenta. Segundo Machado, “condicionar a noção de tempo ao espaço dialógico das culturas das civilizações é entender o tempo e o espaço como duas manifestações de um único fenômeno” (MACHADO, 1998, p. 36).

Conforme Rodrigues, “a situação extraverbal do enunciado, considerada como uma forma de interação social relativamente estável do ponto de vista espaço-temporal, temático,

pode ser relacionada com a noção de cronotopo” [...] (RODRIGUES, 2001, p. 24). Dessa forma, entendemos que o cronotopo exerce influência na constituição global dos gêneros (tanto literários, quanto de outras esferas), dando uma orientação ao seu significado temático, uma vez que, para Bakhtin,

Em primeiro lugar, é evidente seu significado temático. Eles [os cronotopos] são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós do enredo são feitos e desfeitos. Pode-se dizer francamente que a eles pertence o significado principal gerador do enredo. [...] No cronotopo, os acontecimentos do enredo se concretizam, ganham corpo e enchem-se de sangue. Pode-se relatar, informar o fato, além disso, pode-se dar indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 355).

O autor, assim, considera as questões relativas ao tempo/espaço determinantes de aspectos diversos do gênero, uma vez que exercem influência também no que se refere ao conteúdo temático do gênero. Segundo Bakhtin, “o cronotopo, como materialização privilegiada do tempo e do espaço, é o centro da concretização figurativa, da encarnação do romance inteiro. Todos os elementos abstratos do romance [...] gravitam ao redor do cronotopo” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 356).

Entendemos que, ao situarmos todo gênero em um determinado tempo e espaço, inserido em uma esfera social de comunicação humana, essas relações cronotópicas se evidenciarão, pois estão presentes em todo enunciado concreto. Nesse sentido, Bakhtin considera ainda que “a linguagem é essencialmente cronotópica [...]. É cronotópica a forma interna da palavra, ou seja, o signo mediador que ajuda a transportar os significados originais e espaciais para as relações temporais” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 356).

O autor ressalta também que diversos cronotopos podem coexistir num mesmo enunciado, embora um deles prevaleça, pois “cada tema possui seu próprio cronotopo” (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 357). Nesse sentido, Bakhtin considera ainda:

Nos limites de uma única obra e da criação de um único autor, observamos uma grande quantidade de cronotopos e as suas inter-relações complexas e específicas da obra e do autor, sendo que um deles é frequentemente englobador ou dominante (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 357).

Conforme Bakhtin, “qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (BAKHTIN, 2010b[1975], p.362). Encontramos, assim, mais uma faceta do dialogismo bakhtiniano, uma vez que, em busca da compreensão global dos enunciados, precisamos dirigir nosso olhar para as questões relativas ao espaço/tempo e suas relações dialógicas estabelecidas de forma diversa. O conteúdo temático do gênero, por

exemplo, só pode ser pensado dentro de um espaço e situado em um tempo, em uma época determinada. Ou, ainda, todo enunciado pressupõe autoria e é dirigido a um ouvinte leitor, cada um com suas posições cronotópicas. Essas relações dialógicas ultrapassam, assim, as fronteiras do verbal, exigindo um olhar para questões extraverbais. Como afirma o autor, “o seu caráter geral [do cronotopo] é dialógico (na concepção ampla do termo) [...]. Esse diálogo ingressa no mundo do autor, do intérprete e no mundo dos ouvintes e dos leitores. E esses mundos também são cronotópicos (BAKHTIN, 2010b[1975], p. 357).

Conforme Amorim (2006), com essa concepção de cronotopo, Bakhtin almeja saber “como o problema do tempo é tratado ou qual é a concepção de tempo que vigora. A concepção de tempo traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem” (AMORIM, 2006, p.103). Percebemos, assim, que questões culturais podem ser compreendidas pela janela do cronotopo, conceito que, embora privilegie o elemento tempo<sup>2</sup>, revela uma indissolubilidade entre este e o espaço. Nesse sentido, concordamos com a autora, ao afirmar que “quando conseguimos identificar o cronotopo de determinada produção discursiva, podemos inferir uma determinada visão de homem” (AMORIM, 2006, p.106).

Para Bakhtin, a função do sujeito, situado temporal e espacialmente, cumpre papel determinante nas relações dialógicas uma vez que todo enunciado concreto, além de constituir “uma fração na corrente de comunicação verbal ininterrupta” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p.124), pressupõe autoria de um sujeito constituído nas práticas sociais. Observamos, com isso, que o conceito de cronotopo se relaciona diretamente com a enunciação. Sobre isso, Bakhtin/Voloshinov afirmam:

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu *auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 129, grifo do autor).

---

<sup>2</sup> Amorim, ao diferenciar os conceitos bakhtinianos *cronotopo* e *exotopia*, esclarece que “O conceito de exotopia, embora possa designar uma posição de tempo, por exemplo de um pesquisador que analisa um texto de outra época, enfatiza a dimensão espacial. [...] O conceito está relacionado à ideia de acabamento, de construção de um todo, o que implica sempre um trabalho de fixação e de enquadramento, como uma fotografia que paralisa o tempo” (AMORIM, 2006, p. 100).

Assim, o locutor, ao organizar seu enunciado, constrói seu discurso considerando tanto o contexto (situado espacial e temporalmente), quanto o interlocutor a quem se dirige (de quem pressupõe uma atitude responsiva). Conforme Bakhtin, “a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 116). Dessa forma, o discurso do locutor é elaborado de acordo com o interlocutor a quem se dirige e com quem interage. Logo, “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 117).

O próprio locutor, de certa forma, assume atitude responsiva, uma vez que seu discurso representa um elo no processo de interação verbal, isto é, além de dirigir sua palavra a um interlocutor e esperar dele atitude responsiva (e mesmo o silêncio configura responsividade), o locutor, com esta mesma palavra, já constitui uma resposta a outras palavras com as quais interagiu em determinado tempo e espaço.

Além disso, segundo Bakhtin, “não se pode construir uma enunciação sem *modalidade apreciativa*. Toda enunciação compreende, antes de mais nada, um *orientação apreciativa* [...]. A enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo *um sentido e uma apreciação*” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2012[1929], p. 140, grifos nossos). À medida que ocorre a interação verbal, situada em determinado tempo e espaço e mediada pelos gêneros discursivos, o sujeito posiciona-se em relação a valores, constrói uma *orientação apreciativa* sobre o conteúdo da experiência. Segundo Acosta-Pereira, “a projeção de valor que abarca e perpassa todo existir-evento singular não é uma reação inata ao ser ou uma reação psíquica passiva, mas uma orientação moralmente validada e responsavelmente ativa” (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 61).

A noção de cronotopo, ao perscrutar os processos históricos dos acontecimentos situados temporal e espacialmente que permeiam os enunciados, colabora sobremaneira para a compreensão ampla do sentido destes, uma vez que, conforme Bakhtin, não “[...] há nada a fazer com uma lembrança histórica abstrata se ela não for localizada no espaço terrestre, se não for compreendida (nem visível) a *necessidade* da sua realização em um tempo determinado e em um espaço determinado (BAKHTIN, 2003[1979], p. 240).

Desta forma, entendemos que o estudo dos gêneros deve considerar a análise de seu cronotopo, uma vez que este determina sua constituição global e o encontro com o outro. É a partir desse panorama conceitual que analisamos o gênero discursivo *carta do leitor*, inserido



na esfera jornalística, considerando sua produção e circulação em um tempo e espaço sócio-historicamente situados.

## A DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO

A constituição do enunciado não se faz isoladamente, não podendo, por isso, ser separado de seu contexto de produção. Conforme Rodrigues, “não se pode compreender o enunciado sem correlacioná-lo com a sua situação social, pois o discurso, como fenômeno de comunicação social, é determinado pelas relações sociais que o suscitaram” (RODRIGUES, 2001, p. 20). Sendo, portanto, de natureza dialógica e social, o enunciado se situa em determinada esfera da comunicação, a qual deixa no enunciado concreto e vivo ali materializado, determinações de ordem verbal e extraverbal.

Nesse sentido, a dimensão social remete aos elementos extraverbais que exercem determinações no enunciado, tendo em vista sua localização espaço-temporal, relacionada, portanto, à noção de cronotopo. Nessa perspectiva, segundo Rodrigues, “o enunciado não se relaciona com a situação social do seu exterior, mas do seu próprio interior. É nessa perspectiva que se considera que cada enunciado é composto de uma parte verbal expressa e de uma parte “subentendida” (a situação social) (RODRIGUES, 2001, p. 27).

Ao investigarmos o sentido de um enunciado considerando sua dimensão social, precisamos nos remeter ao lugar, ou seja, ao espaço localizado em que se insere, além de sua localização no tempo, em uma determinada época, aspectos que interferem em sua constituição, pois há uma inter-relação entre a situação social e a sua parte verbal, formando um todo relativamente acabado.

Segundo Rodrigues (2001), a dimensão social de um gênero é compreendida como um tipo particular de interação, ou seja, um cronotopo específico na esfera da comunicação, e são as especificidades dos aspectos constitutivos desse contexto em que se situam que se apresentam como traços norteadores e articuladores para a análise e a interpretação do funcionamento do gênero a partir de sua dimensão verbal. Por isso, podemos considerar as dimensões social e verbal como complementares.

Assim, como meio de organizar e desenvolver essa pesquisa, compartilhando da perspectiva de análise proposta por Rodrigues (2001), em consonância com a teoria bakhtiniana, apresentamos, a seguir, dados relativos ao *corpus* selecionado e nossa

compreensão responsiva acerca de seu *cronotopo*, aspecto articulador de sua dimensão social, delimitação para este artigo.

## OS DADOS DA PESQUISA: DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ANÁLISE

Nesta seção, buscamos explicitar a origem do *corpus* selecionado para este estudo e os critérios de seleção da análise. Para isso, recorreremos a estudos acerca da revista selecionada e suas relações com a esfera jornalística (PERNISA JUNIOR, ALVES, 2010; VILAS BOAS, 1996; PENA, 2013; SCALZO, 2003; XAVIER, 2002).

Quanto à delimitação do universo, de onde advém os dados selecionados, optamos pela revista *Veja*, em suas versões impressa e digital. Esta escolha se deve a alguns fatores, quais sejam: disponibilidade nas versões online e impressa de seção específica destinada à publicação de *cartas do leitor*; acesso online gratuito à seção onde são disponibilizadas as *cartas do leitor*; publicação dos artigos de opinião de Lya Luft, aos quais se dirigem as *cartas do leitor* nas duas mídias.

Segundo dados de Scalzo (2003), a revista *Veja*, lançada em 1968 pela Editora Abril, nos moldes da americana *Time*, é atualmente a revista semanal mais vendida do Brasil. Segundo a autora, *Veja* é hoje a quarta revista de informação mais vendida no mundo, atrás das norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *US News & World Report*.

Os assuntos veiculados na revista normalmente são abrangentes e remetem ao mundo da economia, política, saúde, tecnologias, esporte, educação, ciência, cultura geral.

A seguir, dados gerais da revista:

- **Perfil do leitor<sup>3</sup>:**  
**Idade:** 20% entre 10 a 19 anos; 13% entre 20 a 24 anos; 30% entre 25 a 39 anos; 17% entre 40 a 49 anos e 20% com mais de 50 anos.  
**Classe social:** A – 30%, B - 41% e C - 21%.  
**Sexo:** M - 45% e F- 55%
- **Circulação<sup>4</sup>:**  
**Tiragem:** 1.132.265  
**Assinaturas:** 908.748  
**Avulsas:** 119.765  
**Circulação líquida:** 1.028.513  
**Total de leitores<sup>5</sup>:** 8.973.000

<sup>3</sup> Dados obtidos no site da revista. <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais#chart-1>  
Acesso em 02/07/2014.

<sup>4</sup> Dados fornecidos pelo IVC e disponibilizados no referido site da revista.

<sup>5</sup> Fonte: Projeção Brasil de Leitores consolidado 2013, conforme disponibilizado no site da revista <http://publicidade.abril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais#chart-1>, acesso em 02/07/2014.



Quanto aos dados da pesquisa e sua delimitação, para nossa análise, selecionamos 38 *cartas do leitor*, que assumem responsividade a dois artigos de Lya Luft. Conforme já explicitado na introdução deste texto, são 09 cartas publicadas na versão impressa da revista, e 29 na versão digital.

A fim de facilitar a identificação dos textos no decorrer deste trabalho, as *cartas do leitor* foram codificadas e numeradas. As *cartas do leitor* advindas da versão impressa da revista *Veja* foram codificadas como CLI#01 (*Carta do leitor* impressa número um), CLI#02 (*Carta do leitor* impressa número dois), e assim sucessivamente (Anexo 01). Já as *cartas do leitor* referentes à versão digital da referida revista foram codificadas como CLO#01 (*Carta do leitor online* número um), CLO#02 (*Carta do leitor online* número dois), e assim, sucessivamente (anexo 02).

Se, conforme Bakhtin (2003 [1979]), a linguagem é compreendida como uma prática social, e que a realidade fundamental da língua é a interação verbal, entendemos que esta ocorre entre sujeitos sócio-historicamente situados. O Círculo de Bakhtin, desde as publicações da década de 1920, já observava que todo enunciado apresenta um contexto, localizado em um determinado espaço e tempo, apresentando, portanto, cronotopo específico. Se, de acordo com Bakhtin (2008[1965]; 2010b[1975]), o *cronotopo* é a porta de entrada para a análise do gênero, uma vez que é compreendido como o centro de organização dos acontecimentos espaço-temporais, a seguir, passamos a uma analisar esse conceito, tendo em vista as condições sociais específicas que orientam a *carta do leitor* na contemporaneidade.

## **AS CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DA CARTA DO LEITOR NA CONTEMPORANEIDADE**

Conforme já afirmado, a noção de cronotopo, ao perscrutar os processos históricos dos acontecimentos situados temporal e espacialmente que permeiam os enunciados, colabora sobremaneira para a compreensão ampla de seu sentido. Com relação às projeções do tempo e suas orientações quanto à constituição e ao funcionamento das *cartas do leitor* na modernidade, observamos que este gênero se localiza (e, em função disso, se orienta) em um período de acentuado desenvolvimento tecnológico, principalmente nas duas últimas décadas, o que determina grandes mudanças no campo jornalístico.

Sobre a modernidade, como uma época de transição, e suas denominações, Giddens observa:

Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para esta transição, alguns dos quais se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a “sociedade de informação” ou a “sociedade de consumo”), mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, está chegando um encerramento (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”, e assim por diante) (GIDDENS, 1991, p. 8).

Independentemente de como se denomine, para Giddens (1991), é fato que os modos de vida produzidos pela modernidade não têm precedentes. Tanto em sua extensão, quanto em sua intensidade, “as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 10). Acerca da extensão, essas transformações estabeleceram, por exemplo, formas de interação social que cobrem o globo; em termos de intensidade, as transformações alteraram até mesmo características de nossa existência mais cotidiana.

Giddens (1991) afirma que, na modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente, que consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas. Segundo o autor, “em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos principais da vida cotidiana” (GIDDENS, 1991, p. 73). Além disso, “qualquer tentativa de capturar a vivência da modernidade deve partir da visão, que deriva, em última instância, da dialética do tempo e do espaço, tal como expressa na constituição tempo-espaço das instituições modernas” (GIDDENS, 1991, p. 124).

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação, Giddens (1991) entende que houve uma relativa separação entre as dimensões de tempo e espaço, o que provocou, como consequência, uma reorganização das relações sociais. Ao analisarmos a situação de interação do gênero *carta do leitor*, observamos que as tecnologias geraram um novo cronotopo, na medida em que deslocaram uma prática social estabilizada para outras situações de interação mediadas pelas novas mídias.

Para Giddens (2002), “a modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional” (GIDDENS, 2002, p. 10). O autor considera a dúvida como uma característica que permeia a vida moderna, constituindo uma dimensão existencial do mundo

social contemporâneo. Nesse sentido, todo conhecimento toma, inicialmente, a forma de hipótese, por princípio, aberto a revisão. Além disso, “a modernidade é uma cultura do risco [...] Nas condições da modernidade, o futuro é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento” (GIDDENS, 2002, p. 11). Com base em tais palavras, entendemos que as *cartas do leitor*, como práticas sociais de interação, também se caracterizam como um campo de *riscos*, na medida em que os locutores, ao elaborarem seus enunciados, expõem suas dúvidas, incertezas, “filtradas por sistemas abstratos institucionalizados” (GIDDENS, 2002, p. 12), no caso, as revistas, tanto em sua versão impressa, quanto *online*.

A partir disso, podemos afirmar que a *carta do leitor* funciona no campo cronotópico da alta modernidade ou modernidade tardia, e que este, considerando sua localização espaço-temporal, revela a imagem de um sujeito situado, com uma determinada visão da história, das pessoas, do mundo. Nessa situação cronotópica específica, as influências das interações distantes sobre as próximas se tornam cada vez mais comuns, alterando sobremaneira as relações e práticas sociais. Essas relações, que ocorrem no mundo do locutor e de seus interlocutores, se justificam, conforme Bakhtin (2010b[1975]), uma vez que o caráter geral do cronotopo é dialógico.

Considerando a evolução tecnológica e suas consequências na alta modernidade, no que se refere à constituição e ao funcionamento dos enunciados da esfera jornalística brasileira atual, o que observamos é que novas formas de interação verbal propiciadas pela internet produzem outras formas de uso da linguagem. É o que ocorre com o gênero *carta do leitor*. Ao se inserir em outra mídia, apresenta novas orientações, o que causa alterações em seu estilo, tema e construção composicional.

Assim, como já dito, todo gênero se situa em determinado cronotopo, engendrando-se a partir de certo horizonte espacial e temporal, possui determinadas orientações ideológicas e apresenta locutor e interlocutor situados num contexto específico de interação.

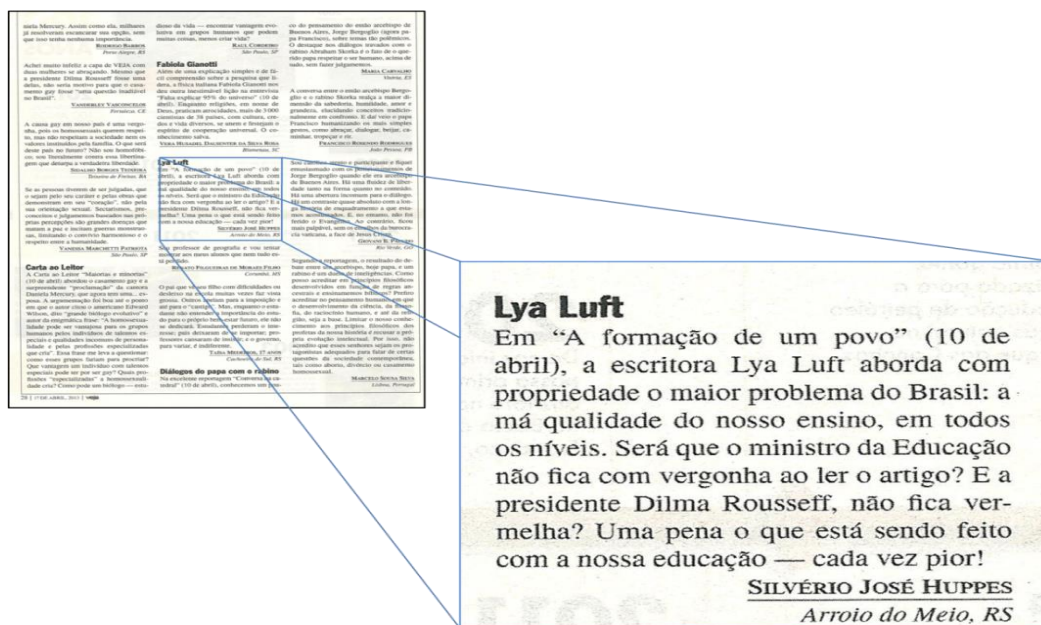
Os enunciados, em todas as suas dimensões, refletem os acontecimentos de uma época e de um lugar, a partir da voz de um sujeito situado. Nesse sentido, tanto a análise da situação social de interação mais ampla, inserida na esfera jornalística, quanto da situação específica, contribuem para o entendimento do horizonte espacial que orienta a *carta do leitor*. Relacionado ao horizonte temporal, a periodicidade da *carta do leitor*, ao se constituir como uma publicação semanal na revista impressa, e livre na versão da revista *online*, é fator

relevante. É o que veremos ao tratar do lugar de ancoragem da *carta do leitor* na revista e sua periodicidade.

## O LUGAR DE ANCORAGEM DA CARTA DO LEITOR E SUA PERIODICIDADE

Com relação ao espaço em que é disponibilizada a *carta do leitor* na revista *Veja*, observamos que elas são publicadas em seções específicas em um e em outro caso. Quanto ao lugar em que se situam as *cartas do leitor* na revista *Veja* impressa, elas são encontradas disponibilizadas numa seção denominada “Leitor”, normalmente situada no início da revista, logo após a seção de entrevista, conforme destacado na imagem a seguir:

Figura 01- Lugar de ancoragem da *carta do leitor* na revista *Veja* impressa



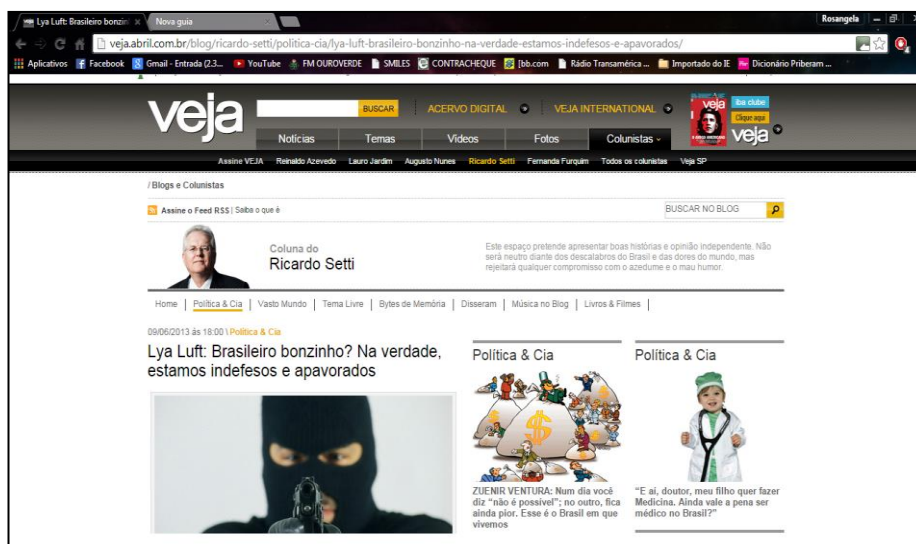
Fonte: <http://veja.abril.com.br/>

Já na versão da revista publicada na internet<sup>6</sup>, as cartas referentes a artigos de Lya Luft são disponibilizadas numa seção do site. Ao clicar no hiperlink “*Blog e Colunistas*”, o internauta é direcionado para outra página, onde são dispostos os nomes de diversos colunistas da revista, dentre eles, Ricardo Setti. No *blog* de Ricardo Setti, atualizado diariamente, são disponibilizados, além de outros textos diversos, os artigos de Lya Luft e, logo abaixo de cada um deles, as *cartas do leitor*, conforme pode ser observado nas figuras a seguir. É possível, ao

<sup>6</sup> Disponibilizada no site <http://veja.abril.com.br/>, acesso em 10/11/2017.

utilizar o campo de busca deste *blog*, acessar todos os textos de Lya Luft ali publicados e suas referidas *cartas do leitor*.

Figura 02 - Lugar de ancoragem de artigo de Lya Luft na versão *online* da revista *Veja*



Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-brasileiro-bonzinho-na-verdade-estamos-indefesos-e-apavorados/>

Figura 03 - Lugar de ancoragem das *cartas do leitor* na versão *online* da revista *Veja*



Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/lya-luft-brasileiro-bonzinho-na-verdade-estamos-indefesos-e-apavorados/>



Observamos, a partir disso, que há nas revistas, assim como nos jornais, aspectos valorativos quanto à posição dos textos. Ao analisarmos o lugar em que são disponibilizadas as *cartas do leitor*, verificamos que se constitui, de fato, como um lugar em que ocorre a interação entre leitor e articulista/público leitor da revista. No caso da versão impressa, ao se situar relativamente no início da revista, identificamos, também, certo aspecto valorativo por parte da revista, ao chamar a atenção para a seção das *cartas do leitor*.

Quanto à questão da periodicidade, na revista *Veja* impressa as *cartas do leitor* são publicadas na edição seguinte à publicação de cada artigo de Lya Luft. Já na versão *online* da revista, ocorre situação diferente. O leitor pode, a qualquer momento (mesmo um ano ou mais depois), posicionar-se sobre qualquer um dos artigos de Lya Luft. Essa nova situação justifica o número expressivo de *cartas do leitor* na versão *online* da revista, em comparação ao reduzido número encontrado na versão impressa. Enquanto na revista impressa, em média, são publicadas 20 *cartas do leitor* por edição, referentes a enunciados diversos da edição anterior, já na versão *online*, há, em média, 20 enunciados relacionados a cada um dos artigos de Lya Luft. Este número reduzido de *cartas do leitor* na versão impressa se justifica, além disso, por razão de espaço, uma vez que a revista delimita, pelo menos, duas páginas para estes tipos de enunciados.

Na revista impressa, há o intervalo de uma semana entre a publicação da *carta do leitor* e o artigo de Lya Luft, ao qual se refere. Porém, uma especificidade da *carta do leitor* na edição *online* da revista *Veja* diz respeito ao fato de a interação pode ocorrer por tempo indeterminado e que estes enunciados são disponibilizados imediatamente abaixo do artigo de Lya Luft, ao qual se refere.

Com isso, observamos que a periodicidade da *carta do leitor* é maior na versão *online*, apresentando maior incidência de publicações em comparação à versão impressa, propiciando um espaço de interação diferenciado. Essas seções onde se encontra a *carta do leitor* podem ser consideradas como espaço discursivo, parte constitutiva da situação de interação, em que o leitor manifesta sua opinião, assume uma orientação valorativa e destaca sua autoria, sobre a qual tratamos na subseção seguinte.



## A AUTORIA

Cada enunciado, nas palavras de Bakhtin (2003[1979]), sendo algo individual, único, singular, possui um autor. No entanto, essa concepção de autoria não deve ser confundida com a pessoa física, considerando que, ao elaborar seu enunciado a partir da sua compreensão de mundo e ao estabelecer relações dialógicas com outros discursos situados em determinada esfera de comunicação, o que temos é um autor criador. Para Bakhtin, “a relação do autor é um elemento constitutivo” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 321) do enunciado. O autor do enunciado é um sujeito que participa da alternância dos discursos. Ao buscarmos compreender a constituição e o funcionamento do gênero *carta do leitor*, entendemos que uma análise da autoria deste tipo de enunciado se faz relevante.

De acordo com Bakhtin, a questão da autoria está relacionada a uma postura do autor, sua responsividade discursiva e atitudes valorativas, uma vez que “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 297). Nessa perspectiva, considera-se o discurso do autor criador não como uma voz direta do escritor, do autor pessoa, mas, sim, um ato refratado de uma voz social.

As *cartas do leitor* selecionadas para este estudo se constituem como enunciados que buscam assumir atitude responsiva direta a dois artigos de Lya Luft, jornalista e escritora. Quanto à posição de autoria desses artigos, embora não seja um tema constante em sua obra, até mesmo Bakhtin teceu algumas considerações a respeito do jornalista e seu papel. Para o autor, “o jornalista é acima de tudo um contemporâneo. É obrigado a sê-lo. Vive na esfera de questões que podem ser resolvidas em sua atualidade (ou ao menos num tempo próximo)” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 388). O jornalista, sob esse viés teórico, normalmente é um sujeito que busca tratar de temas da contemporaneidade, “refletindo” e “refratando” em seus enunciados, discursos que representam cronotopos definidos.

Os autores dos artigos de opinião no jornalismo brasileiro, normalmente são jornalistas que pertencem ao quadro da empresa, ou, mais frequentemente, caracterizam-se como colaboradores fixos ou eventuais, como é o caso de Lya Luft.<sup>7</sup> Em sua posição de articulista,

---

<sup>7</sup> Por razão de espaço e delimitação, não é nossa intenção focalizar a questão de autoria do gênero *artigo de opinião*, mas, sim, a autoria da *carta do leitor*.

Lya Luft escreve e publica quinzenalmente artigos assinados na revista *Veja*. Seus enunciados abordam pontos de vista acerca de temas relacionados à educação e também sobre a violência no país.

Para Bakhtin, “a forma de autoria depende do gênero do enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 389). Assim, cada gênero tem sua forma autorizada de autoria. Por exemplo, enquanto no *artigo de opinião* temos uma posição de autoria, na *carta do leitor*, temos outra. No caso das *cartas do leitor* em análise, o que temos, em sua maioria, é um autor-leitor, normalmente, conforme já dito, pertencente à classe A ou B, que se dirige à jornalista para manifestar-se acerca da temática abordada em seus artigos. Este autor das *cartas do leitor*, além de se dirigir à Lya Luft, considera, ainda, os outros leitores que leem a revista em suas duas versões (impressa e digital). Temos, assim, a consideração de um interlocutor direto (Lya Luft) e um interlocutor mais amplo (os leitores da revista), ambos determinantes da constituição do enunciado. Autoria, assim, implica relações dialógicas, perpassando diferentes discursos, dialogando constantemente com outras vozes. Por meio desses outros discursos, o autor das *cartas do leitor* constrói sua voz, sua posição axiológica frente aos temas, refratando isso em seu enunciado.

Quanto aos sujeitos envolvidos na instância de concepção do gênero *carta do leitor*, observamos que, especificamente no caso das publicadas na versão impressa da revista *Veja*, diferentemente da versão *online*<sup>8</sup>, há um processo de coautoria, uma vez que esses enunciados normalmente passam por uma edição antes de serem publicadas. O editor, nesse caso, ao reelaborar as *cartas do leitor*, de acordo com seu olhar valorativo, assume também um papel de coautoria. Ao passar por esse processo de reedição conforme com os interesses do editor (e da revista), nem sempre o enunciado mantém o mesmo enfoque temático dado pelo autor inicial da carta. De acordo com a interpretação, valoração e horizonte apreciativo do editor, mudanças podem ocorrer na reelaboração do enunciado.

Observamos, ainda, que as *cartas do leitor*, nas duas versões da revista, apresentam marcas explícitas de autoria. Tanto na versão impressa da revista *Veja*, quanto *online*, as *cartas do leitor* são seguidas pela identificação da autoria. No caso das *cartas do leitor* na *Veja* impressa, após o texto, há referência explícita ao nome cidade e estado de onde procede o enunciado. Já na versão *online*, o autor normalmente opta por se identificar somente com seu

---

<sup>8</sup> As cartas publicadas na versão digital são publicadas na íntegra, exatamente como elaborada pelo autor-internauta, desde que não se trate de propaganda ou que firam os direitos humanos, conforme informado no site da revista.

primeiro nome, ou, eventualmente, por um pseudônimo. Isso pode ser verificado nos exemplos a seguir:

CLI#02

Sou professor de geografia e vou tentar mostrar aos meus alunos que nem tudo está perdido.

RENATO FILGUEIRAS DE MORAES FILHO, Corumbá, MS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLO#16

**Sidney**

12/06/2013 às 8:46h

Corretíssimo o que a Lia escreveu. Tenho certeza que 99% da população brasileira clama por uma imputabilidade criminal a partir dos 14 anos mas, vem o petralha do ministro da justiça e diz que isso é impossível. Nada é impossível se houver vontade política, principalmente se apoiada pelo grosso da população. Somos, como diz a Lia, reféns em nossas casas, cercadas de grades e, se temos filhos, não conseguimos ter paz se eles estiverem nas ruas, nos colégios ou num simples cinema no shopping. Nota-se algum movimento a nível federal para encaminhar soluções? a nível estadual? Municipal? Quase nada. A morte do índio Terena lá no norte, em conflito com os fazendeiros, é lembrada toda hora pelos jornais, pela internet. Causou até a suspensão, pela justiça, da retomada da área. Autoridades do governo foram até lá! E quanto a nós? Dezenas são assassinados todos os dias pelo Brasil, pelos motivos mais fúteis, e nada acontece. Agora virou moda atear fogo nas vítimas! É duro você chegar em casa e, ao esperar a porta da garagem se abrir, ficar olhando de um lado para o outro a procura de um possível criminoso que irá apontar uma arma para sua cabeça. Tá difícil. Muito difícil.

A partir desses exemplos podemos visualizar que os locutores assumem, na situação de interação configurada na *carta do leitor*, uma autoria explícita. No primeiro exemplo, publicado na versão impressa da revista *Veja*, essa referência aparece ao final do enunciado, já no segundo, publicado na versão *online* da revista, no início. Isso demonstra que há, por parte da revista, uma preocupação em apresentar a autoria da carta, de certa forma, legitimando-a.

Em CLI#02, citada anteriormente, algumas das cartas também trazem dados que nos permitem entender o lugar social de onde se enunciam os autores desses enunciados, que assumem a posição de leitores da revista. No caso desse exemplo, o autor se identifica como professor, o que também pode ser notado (direta ou indiretamente) em outras cartas, como em CLO#02 e em CLO#04. Inferimos, a partir desses exemplos, que há maior incidência de autoria de pessoas relacionadas à área de educação, isto é, os autores das *cartas do leitor* dirigidas à Lya Luft são, normalmente professores, alunos, ou pessoas interessadas em dialogar acerca da educação, como pode também ser observado no exemplo a seguir:

CLO#06

**Adriana Silva Santiago**

22/04/2013 às 16:26h

Adoro Lya Luft! Quando compro a revista VEJA vou direto à sua coluna. Tenho visto o empenho dessa grande escritora em escrever sobre educação, em clamar por

melhorias e seriedade nesse setor, fundamental à vida das pessoas e ao crescimento de um país que queira ser verdadeiramente desenvolvido. O que venho escrever aqui é um apelo, para que profissionais assim comprometidos continuem a lutar pela educação e, se possível, sugerir a esta revista, que é tão lida e respeitada, que faça uma reportagem sobre a real situação dos professores nesse país. No meu caso, falo por Minas Gerais, moro em Três Pontas, sul de Minas. Uma breve história pessoal: **sou jornalista, professora de História**, passei em primeiro lugar em concurso do Governo do Estado de Minas Gerais para exercer o cargo de professora da rede estadual. Com dois meses de trabalho, já larguei o cargo. Não agüentei a falta de respeito e disciplina por parte dos alunos, a falta de respeito e descaso dos pais para com a educação de seus filhos e por consequência, falta de respeito para com os professores de seus filhos. Além do mais, o sistema adotado em Minas, a tal progressão continuada em que o aluno NÃO PODE ser reprovado, faz do aluno um ser prepotente, que não respeita ninguém, enfim, o professor não tem autoridade nenhuma na sala, está desmoralizado. Com exceção de alguns alunos que querem aprender, e que são os mais prejudicados juntamente com os professores, mais da metade dos alunos não querem fazer nada, não copiam matéria, não fazem exercícios, não obedecem o professor, vão à escola EXCLUSIVAMENTE para brincar, se divertir, farrear. E também porque são obrigados, já que o governo obriga a todas as crianças irem a escola, ficando os pais responsáveis por obrigá-los, caso contrário, respondem judicialmente. Os professores estão sofrendo muito! Eu saí, mas e os milhares que estão lá dentro? E que escola é essa em que o aluno passa de ano infinitamente sem saber quase nada? Só a imprensa pode ajudar nessa campanha pró-educação e em SOCORRO aos professores. Por favor, nos dê voz e visibilidade! A sociedade precisa saber o que está acontecendo! Alguma coisa tem que ser feita! O professor perdeu a dignidade em seu trabalho! Está até apanhando! E mesmo que não sofra o horror da agressão física, sofre a desmoralização em sala de aula. Uma coisa absurda! Inacreditável! Eu estive lá, eu vi! Não é exagero! Esses dois meses só me renderam frustração e um problema de pressão alta, que não quer voltar ao normal, coisa que nunca tive em minha vida! Cara Lya Luft, admiro seu trabalho, sua sensibilidade. Não sei se vai chegar a ler esse desabafo/depoimento/DENUNCIA/PROTESTO. Caso leia, ajude-nos nessa campanha pró-professor! Obrigada e parabéns por sua coluna na VEJA e por seus livros! Adoro!

Essa carta é assinada por Adriana Silva Santiago, a qual assume a posição de jornalista e professora de história na rede estadual de Minas Gerais. Tendo em vista essa posição de autoria, em seu enunciado, a leitora explicita suas angústias frente às problemáticas enfrentadas em sala de aula pelos professores e alunos, assumindo sua posição valorativa frente ao tema.

Nas duas versões, podemos observar que o leitor da revista é o autor das *cartas do leitor*, o qual projeta em seu enunciado seu discurso e sua posição valorativa frente ao tema. Porém, depreendemos, ainda, especialmente no caso da revista *Veja impressa*<sup>9</sup>, que a autoria se integra à posição ideologicamente marcada pela revista.

Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que, para a edição impressa, não são claros os critérios de seleção dos autores que terão suas *cartas* publicadas. Por razões de espaço,

---

<sup>9</sup> Enquanto na versão *online* da revista *Veja* todas as *cartas do leitor* são publicadas, na versão impressa, há um processo de seleção das cartas enviadas, o que pode determinar a escolha dos enunciados que coincidam com a posição ideológico-valorativa da revista. Isso, de certa forma, estaria relacionado à questão da autoria, uma vez que na revista impressa seriam publicadas somente as cartas que assumem a mesma posição da revista.

a revista impressa afirma em nota que tem o direito de fazer alterações, conforme necessário. Já na versão *online*, conforme temos monitorado, todas as *cartas do leitor* são efetivamente publicadas, não sofrendo alterações.

Além disso, marcas implícitas de posição do autor se dão a partir do uso de recursos linguísticos ao longo dos enunciados, tais como marcadores avaliativos, pronominalização da primeira pessoa, entre outras opções estilísticas que demarcam a posição do locutor no discurso. Atentamos, ainda, que o uso da terceira pessoa é frequente nas *cartas do leitor* da edição impressa, diferentemente do que ocorre com as *cartas do leitor online*. Isso possivelmente se deve ao fato de, ao serem reeditadas, pode haver uma nova escolha estilística por parte do editor.

Assim, enquanto a articulista Lya Luft fala a partir do ponto de vista de sua esfera de atuação, na figura de uma pessoa pública que trata da relação entre educação e política, seu público-alvo, o leitor da *Veja*, constitui-se como um público leitor amplo interessado por esses temas. Porém, observamos que, na versão impressa, a autoria das cartas normalmente é de assinantes pertencentes às classes A e B, enquanto, na versão digital, há uma abertura que permite que qualquer pessoa possa assumir papel responsivo aos artigos de Lya Luft.

Conforme Rodrigues, “é a forma (posição) de autoria que, junto com o cronotopo, cria a cena genérica [...] e, assim imprime seu caráter e a sua atitude opinativa” (RODRIGUES, 2001, p. 146). A autoria, em articulação com o cronotopo das *cartas do leitor*, funciona como aspecto que colabora para o estabelecimento de atitudes valorativas na esfera jornalística. Segundo a autora, ainda, “pode-se considerar a autoria, a partir de sua função e do seu papel [...], como um elemento do gênero que se situa não só na intersecção da dimensão extraverbal e verbal do gênero, mas também se manifesta como parte da sua dimensão verbal” (RODRIGUES, 2001, p. 146). Entendemos, com isso, que a questão de autoria, além de se constituir como um dos traços do gênero *carta do leitor*, é um aspecto complexo, à medida que se entrecruza com as condições de produção destes enunciados. Relacionada a isso está a questão do leitor previsto, elemento determinante do enunciado, a ser abordada a seguir.

## **O LEITOR PREVISTO**

Para Bakhtin, “o direcionamento, o endereçamento do enunciado é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 305). Nessa perspectiva, o autor do enunciado se orienta de acordo com o seu interlocutor.

Além de um interlocutor direto, “de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 333), o autor do enunciado considera, com maior ou menor consciência disso, um outro interlocutor, mais amplo, nas palavras de Bakhtin, um “supradestinatário”. O autor pressupõe sempre alguma instância superior de compreensão responsiva que pode ocorrer em diferentes épocas e lugares. Esses interlocutores são parte constitutiva do enunciado. Isto nos leva a observar que o autor, ao elaborar seu enunciado, considera não somente seus interlocutores diretos ou próximos, mas também um destinatário amplo, cuja compreensão responsiva pressupõe. Isso decorre, conforme Bakhtin (2003[1979]), da “natureza da palavra, que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediate* mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada)” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 333).

Muito além de se dirigir exclusivamente a Lya Luft, o autor da *carta do leitor* considera, também, os outros leitores da revista *Veja*, alguém que se interessa pelas temáticas abordadas pelos artigos de Lya Luft, especialmente por questões relacionadas à educação. Esses interlocutores, conforme já afirmado, podem assumir atitude responsiva frente às *cartas do leitor* a qualquer tempo.

Conforme dados da própria revista, os leitores da *Veja* impressa são, em sua imensa maioria, assinantes e pertencentes às classes A e B, entre 20 e 50 anos. Já na versão *online*, além desse público-leitor, há uma abertura maior, uma vez que o espaço onde são publicados os artigos de Lya Luft e a *carta do leitor* é aberto e gratuito.

Com o aumento intenso do acesso à internet no Brasil atualmente, entendemos, por isso, que o interlocutor da *carta do leitor* da versão *online* da revista *Veja*, é mais amplo que o público da revista em sua versão impressa, e oriundo de todas as classes sociais. Enquanto o interlocutor da revista *Veja* impressa se caracteriza como um leitor assinante, fiel, o leitor da revista *Veja online* apresenta um perfil diferente. Segundo Pierre Levy (1999), existem basicamente dois tipos de navegantes na internet: aqueles que procuram informações específicas e os que navegam vagamente por um assunto, mas prontos a desviar-se rapidamente para outros *links* mais interessantes. Estes normalmente não são fiéis a qualquer veículo digital, ao contrário do que ocorre com as revistas impressas.

Sobre o perfil do leitor na *web*, segundo Ferrari (2012), com a popularização da internet, o leitor é advindo de todas as classes sociais, e se torna um escritor enquanto lê, uma vez que



consegue reconfigurar a informação de acordo com suas preferências e hábitos de leitura. Além disso, “o público *online* é mais receptivo para estilos não convencionais, já que o leitor não tem tanto compromisso ao navegar, ele ‘zapeia’ pelos canais, ficando alguns minutos na notícia que lhe interessa” (FERRARI, 2012, p. 53). Conforme a autora,

Estudos de usabilidade da internet mostram que os internautas tendem a apenas passar pelos sites muito mais do que lê-los assiduamente. Diversas pesquisas apontam que o público *online* tende a ser mais ativo do que o de veículos impressos e mesmo do que um espectador de TV, optando por buscar mais informações em vez de aceitar passivamente o que lhe é apresentado (FERRARI, 2012, p. 51)

A fim de ilustrar as duas diferentes situações de interlocução presentes nas *cartas do leitor* selecionadas para este trabalho, citamos os exemplos a seguir:

CLI#01

Em “A formação de um povo” (10 de abril), a escritora **Lya Luft** aborda com propriedade o maior problema do Brasil: a má qualidade do nosso ensino, em todos os níveis. Será que o ministro da Educação não fica com vergonha ao ler o artigo? E a presidente Dilma Rousseff, não fica vermelha? Uma pena o que está sendo feito com a nossa educação – cada vez pior!

SILVÉRIO JOSÉ HUPPES, Arroio do Meio, RS.

(Revista *Veja*, edição 2317, ano 46, nº 16, de 17 de abril de 2013)

CLO#01

**Hosana Lima**

06/09/2014 às 19:09h

**Lya Luft**, de uma pessoa que tem experiência em escrever sobre educação e tempo para redigir artigos relevantes aos mais frívolos, espera-se o mínimo de informação para não exigir conhecimento suficiente de quem costuma apresentar argumentos superficiais. Em mais um texto inocentemente distópico em que **a senhora** prevê queda da importância da educação, é perceptível a falta de coerência com a atualidade, pois os discursos políticos caso a senhora não saiba, tem como foco a educação. Além disso, o brasileiro vem acordando para a importância da formação pedagógica em suas vidas – importância não vital, portanto é desonesto dizer não ser importante dar um prato de comida a quem em seguida precisaria trabalhar. Comida é uma necessidade, a qual **a senhora** não passou-. Pouco importa **a senhora** a redução do nível de formação já que mostra incapacidade criticar o sistema de cotas seriamente ao atribuir a queda do objetivo de excelência aos cotistas. Se **a senhora** puder se informar antes de escrever, agradeço. Teria encontrado pesquisas que comprovam que o cotista tem sim a capacidade de manter-se no curso e com menores índices de evasão em relação aos “alunos saídos de escolas particulares”, entre eles **a senhora** que como os supostos estudantes de letras não aprenderam a argumentar. Não fica bem para **uma escritora, conhecida e influente**, disfarçar seu preconceito com uma comovente preocupação com o sistema educacional brasileiro a que propõe mudanças rasas em termos de orçamento governamental. E sobre essas centenas de jovens enviados ao exterior, qual a fonte da senhora que comprova o insucesso deles por conta de uma base primeira de ensino ruim? Não se sinta parte dos conformados, desinteressados e mal orientados. Não somos nós, **Lya Luft**. **A senhora** não faz parte da parcela da população que recebe educação precária e deve se preocupar com necessidades básicas como saúde e comida (que nada adianta certo? Errado). Poupe-nos de sua falsa simetria em que serviços insatisfatórios se comparam a vida de fracasso escolar e sobrevivência em meio a separatistas (como a senhora) e atenha-se a falar da vida de shoppings e seus

---

espaços livres de rolezinhos deste povo “cordial” que segundo esse artigo, merece que lhes tirem seu direito.

Nesses exemplos podemos observar dois modos de interação por meio da *carta do leitor*. Conforme podemos notar no primeiro exemplo (CLI#01), embora considere como sua interlocutora imediata a articulista Lya Luft, no início do enunciado há o uso da terceira pessoa. Isso possivelmente se deve à intenção do locutor em se dirigir não somente a ela, mas também ao público leitor geral da revista, como também pode denunciar que a carta pode ter passado por um processo de edição. Já em CLO#01 também podemos observar diversas marcas de interlocução, por meio das quais o leitor deixa clara sua intenção em se dirigir à articulista Lya Luft. Porém, nesse caso, além dessa interlocutora direta, o leitor também considera, ainda, que seu enunciado apresenta o posicionamento de muitos outros leitores, como pode ser notado no trecho “Poupe-nos de sua falsa simetria” (CLO#01).

A partir desse contexto, além de se dirigir à Lya Luft, interlocutora direta, entendemos que o interlocutor do gênero *carta do leitor* está intimamente relacionado ao público previsto da revista *Veja* em suas duas versões. O autor deste tipo de enunciado elabora-o considerando a projeção que faz de seus interlocutores e seus horizontes apreciativos, tornando esse aspecto parte fundamental na constituição e funcionamento desse gênero da esfera jornalística.

Concluimos, assim, nossa compreensão sobre a **dimensão social** da *carta do leitor*, considerando como relevantes as especificidades da esfera social do jornalismo, especialmente as particularidades de um de seus segmentos, o jornalismo de revista. Mediada pela esfera jornalística, as situações de interação discursiva ocorridas por meio desse gênero se estabelecem entre leitor e articulistas, e entre os leitores da revista *Veja*. Quanto à autoria, no caso das cartas publicadas na revista *Veja* impressa, ocorre uma relação de co-autoria entre leitor e editor. Já na versão *online*, o autor das cartas é o leitor internauta. Em ambos os casos, o interlocutor previsto corresponde principalmente à articulista e aos outros leitores da revista, interessado em assuntos como a educação e a violência atuais.

Tendo em vista as determinações que o horizonte extraverbal traz ao enunciado, situado temporal e espacialmente, entendemos que a análise de sua dimensão social, especialmente de seu cronotopo, constitui-se como a porta de entrada principal para qualquer estudo de gêneros que queira se aproximar da teoria bakhtiniana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto objetivou apresentar uma compreensão responsiva acerca do cronotopo da carta do leitor, da esfera social do jornalismo, buscando estabelecer relações entre as dimensões social e verbovisual deste gênero.

Com base nos textos do Círculo de Bakhtin e sua perspectiva dialógica, investigamos aspectos relativos à constituição e ao funcionamento do gênero discursivo *carta do leitor*, do jornalismo de revista, considerando sua circulação em diferentes suportes e mídias. Para tanto, realizamos uma análise de elementos constitutivos desse gênero, tendo em vista algumas relações dialógicas estabelecidas entre suas dimensões (social e verbal).

A análise e a metodologia de apresentação de dados foram norteadas também pelo trabalho de Rodrigues (2001). A partir dessa orientação, delimitamos para este artigo a análise da dimensão social da *carta do leitor*. Frisamos, no entanto, o caráter indissociável dessas duas dimensões na materialização desse gênero como enunciado concreto.

Durante a análise, verificamos que a carta do leitor se assenta em diferentes cronotopos, o que leva esse enunciado a apresentar diferentes regularidades numa e noutra situação de interação. Cada gênero se situa em uma dada esfera, nesse caso a jornalística, e apresenta regularidades próprias e diferenciadas. Embora consideremos que há alguns mais padronizados que outros, como consequência da própria situação de interação, o fato é que essa “padronização” não ocorre com a *carta do leitor*. No decorrer de nossa análise, constatamos que esse gênero se estabiliza de maneiras diferentes num e noutra suporte e mídia, confirmando sua plasticidade, conforme prevê Bakhtin (2003).

Por fim, observamos a viabilidade de se analisar os gêneros na perspectiva teórica bakhtiniana. Conforme apontado na introdução, a análise da constituição e do funcionamento desse gênero pode trazer contribuições para o campo da análise de gêneros e para a área de ensino de Língua Portuguesa. Durante o percurso analítico, observamos que empreender uma investigação sobre as (ir)regularidades da *carta do leitor* a partir de embasamento teórico-metodológico bakhtiniano implica um olhar aguçado do pesquisador para a linguagem em uso, para o gênero como enunciado concreto, real.

Reconhecemos que, embora tenhamos respondido a algumas questões sobre a dinâmica da constituição e do funcionamento do gênero *carta do leitor* do jornalismo de revista, não esgotamos todas as possibilidades de análise, uma vez que novas questões foram surgindo no

desenrolar das reflexões feitas durante este estudo, ultrapassando nossos objetivos. Há, nesse tema, questões que suscitam o desenvolvimento de novas pesquisas, como por exemplo, o estudo dos gêneros e de elaboração de encaminhamentos didático-metodológicos, numa perspectiva mais voltada ao ensino de Língua Portuguesa. Nesse sentido, concordamos com Costa-Hübes quando afirma que, se assumimos uma concepção dialógica de linguagem e consideramos a interação como um princípio do dialogismo, “cumpre-nos assumir uma postura discursiva de ensino da Língua Portuguesa, reconhecendo, nesse contexto, os gêneros discursivos como importantes instrumentos que dispõem de condições para o aprimoramento da linguagem. Logo, é preciso recorrer a eles se realmente queremos ampliar as capacidades discursivas de nossos alunos” (COSTA-HÜBES, 2014, p. 21).

A partir disso e antecipando a emergência de novas compreensões ou novas perguntas que deem continuidade ao diálogo aqui proposto, damos por concluído provisoriamente esse enunciado, pressupondo-o como um simples elo e aguardando que novas contrapalavras sejam lançadas.

## **BIBLIOGRAFIA**

ACOSTA-PEREIRA, R. **Gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda.** Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

\_\_\_\_\_. **O Gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração.** Dissertação (Mestrado Em Linguística), Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: UFSC, 2008.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: Outros Conceitos-Chave.** São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-113.

BAKHTIN, M; VOLOSHINOV, V. N. [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica).** Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

BAKHTIN, M. [1929]. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

\_\_\_\_\_. [1975]. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance.** Tradução do russo por Aurora Formoni Bernardini *et al.* 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

\_\_\_\_\_. [1965]. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec, 2008.

\_\_\_\_\_. [1979]. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-33.

\_\_\_\_\_; SOUZA-E-SILVA, M. C. (orgs). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA-HÜBES, T. da C. Os Gêneros discursivos como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa: perscrutando o método sociológico Bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (orgs). **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERRARI, P. **Jornalismo digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e Identidade**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, I. Narrativa combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. *Itinerários, Araraquara*, nº 12, 1998, p. 33-46.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PERNISA JUNIOR, C.; ALVES, W. **Comunicação Digital: jornalismo, narrativas, estética**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

RODRIGUES, R. H. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirré (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

\_\_\_\_\_. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade de informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2002.